

## Locais, redes, espaços: a imprensa anglófona na Itália

Isabelle Richet<sup>1</sup>

“Um vasto continente inexplorado”. Foram estes os termos que a equipe responsável pela criação do *Victorian Periodicals Review*, em 1968, usou para descrever o enorme *corpus* de periódicos publicados na Grã-Bretanha durante a Era Vitoriana, até então ignorados pelos historiadores.<sup>2</sup> Algumas décadas depois, pode-se retomar a expressão para caracterizar os periódicos de língua inglesa publicados fora do mundo anglófono. É o caso, principalmente, das publicações na Itália ao longo do extenso século XIX. Se a pesquisa sobre os jornais de língua inglesa na França teve início com o trabalho pioneiro de Diana Cooper-Richet,<sup>3</sup> os títulos publicados na península italiana só foram citados poucas – e rápidas – vezes na (apesar de tudo) rica literatura sobre as relações culturais e políticas entre o Reino Unido e a Itália.<sup>4</sup> A presente pesquisa, que começou no

<sup>1</sup> Tradução de Marília Garcia.

<sup>2</sup> ARSDEL, Rosemary T. van. The great unexplored continent of nineteenth century periodicals (David De Laura 1968). *Victorian Periodicals Review*, Baltimore: JHUP, v. 41, n. 1, 2008. p. 1-5.

<sup>3</sup> COOPER-RICHET, Diana. Les imprimés de langue anglaise en France au XIX<sup>e</sup> siècle: rayonnement intellectuel, circulation et modes de penetration. In: MICHON, Jacques; MOLLIER, Jean-YVES (Org.). *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIII<sup>e</sup> siècle à l'an 2000*. Laval: Presses Universitaires de Laval, 2001. p. 121-138; COOPER-RICHET, Diana. Presse en anglais et littérature à Paris dans la première moitié du XIX<sup>e</sup> siècle. In: THÉRENTY, Marie-Eve ; VAILLANT, Alain (Org.). *Presse et plumes: journalisme et littérature au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2004. p. 153-168; COOPER-RICHET, Diana. La presse britannique dans le Paris de la première moitié du XIX<sup>e</sup> siècle: modèle et vecteurs de transferts culturels. In: MOLLIER, Jean-Yves; REGNIER, Philippe; VAILLANT, Alain (Org.). *La production de l'immatériel: théories, représentations et pratiques de la culture au XIX<sup>e</sup> siècle*. Saint-Etienne: Publications de l'Université de Saint-Etienne, 2008. p. 115-129; COOPER-RICHET, Diana. Diffusion du modèle victorien à travers le monde: le rôle de la presse en anglais publiée en France au XIX<sup>e</sup> siècle. In: THÉRENTY, Marie-Eve ; VAILLANT, Alain (Org.). *Presse, nations et mondialisation au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2010. p. 17-32.

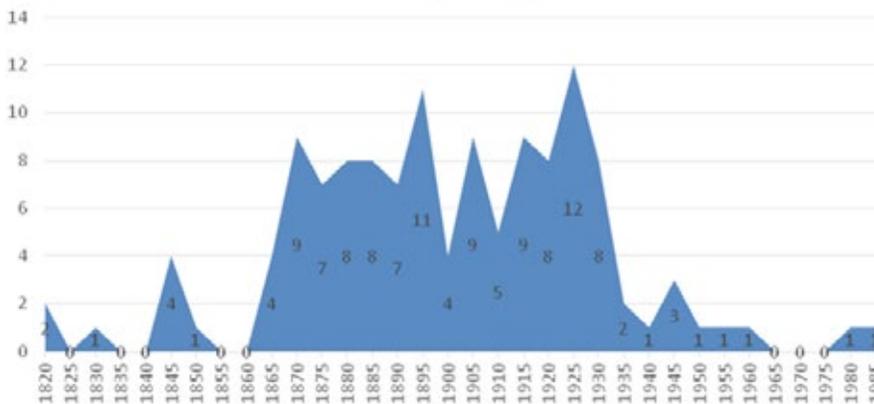
<sup>4</sup> ARTOM-TREVES, Giuliana. *The golden ring: the Anglo-Florentines 1847-1862*. Londres: Longmans, Green & C<sup>o</sup>, 1956. p. 24-32; BARTOLI, Alessandro. *Le colonie britanniche in Riviera tra Ottocento e Novecento*. Savona: Fondazione A De Mari della Cassa di Risparmio di Savona, 2008. p. 51-54; CHAPMAN, Alison. European exchanges. In: SHATTOCK, Joanne (Org.).

âmbito do projeto Transfopress, consistia, inicialmente, em um levantamento sistemático de títulos, tarefa complicada, devido à natureza dispersa das bibliotecas e do depósito legal na Itália. Na etapa atual, foram identificados 134 jornais e periódicos de língua inglesa publicados nas diferentes regiões da Itália, desde o começo do século XIX até o começo do século XXI.<sup>5</sup>

#### APRESENTAÇÃO DO CORPUS

Como esse *corpus* nunca foi estudado até o presente momento, é preciso, antes de tudo, apresentar uma análise estatística do conjunto, dando destaque às datas e aos locais de publicação, ao seu tempo de vida e à natureza dos seus títulos.

GRÁFICO 1 - DATA DE PUBLICAÇÃO.



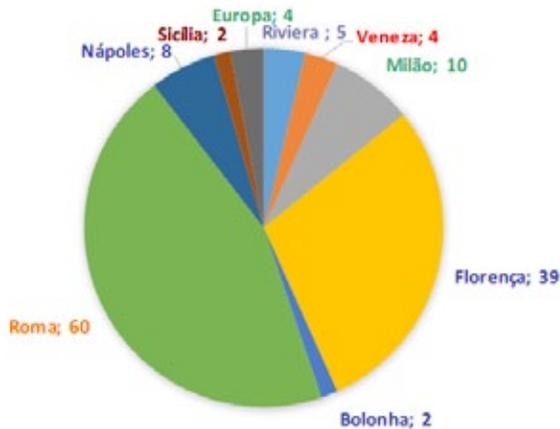
Em relação às datas de publicação, pode-se observar uma concentração na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Depois de algumas tentativas pontuais levadas a cabo pelos poetas Byron, Hunt, Keats e

*Cambridge companion to English literature 1830-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 295-99; PANTAZZI, Sybille. *The Roman Advertiser, 1846-1849*. *Victorian Periodicals Review*, Baltimore: JHUP, v. 13, n. 4, p. 118-124, 1980.

<sup>5</sup> A maioria desses periódicos pôde ser consultada nas bibliotecas italianas e britânicas, embora sejam raras as coleções completas e alguns títulos – citados em autobiografias ou em outras obras – aparentemente não tenham sido conservados.

Shelley nos anos de 1820,<sup>6</sup> cinco revistas anglófonas foram publicadas na época das revoluções frustradas de 1848-1849. No entanto, 60% dos títulos surgiram entre 1860 e 1915, ou seja, entre a primeira unificação da Itália e a entrada do país na Primeira Guerra Mundial. Esse também foi o período com a maior presença de expatriados britânicos e americanos morando na Itália, além de ser o começo do turismo cultural em massa. Há uma retomada da publicação de títulos em inglês no entreguerras; trata-se, porém, sobretudo de publicações “autorizadas” – publicações de escritórios de turismo, de câmaras de comércio, do partido fascista –, mostrando a severa censura do regime mussoliniano sobre a imprensa.<sup>7</sup>

GRÁFICO 2 - LOCAL DE PUBLICAÇÃO.

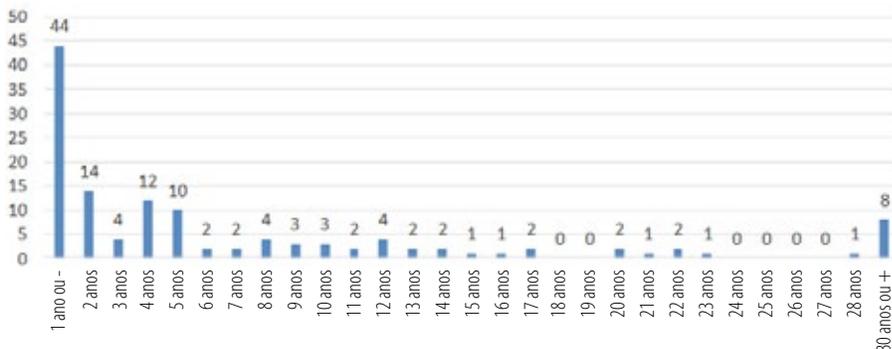


<sup>6</sup> A estada desses poetas na Itália já foi objeto de diversos estudos. Contudo, a revista que editaram, *The Liberal*, não trata, propriamente, de questões pertinentes a esta pesquisa, porque embora ela tenha sido concebida e redigida na Itália, sua impressão e distribuição eram feitas na Grã-Bretanha. Dentre os estudos mais interessantes sobre o assunto, ver: MARSHALL, William H. *Byron, Shelley, Hunt and "The Liberal"*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1960; GUICCIOLI, Teresa. *Lord Byron's life in Italy*. Newark: University of Delaware Press, 2005; HOLDEN, Anthony. *The wit in the dungeon: the life of Leigh Hunt*. Nova York: Little, Brown, 2005; KUCICH, Greg. Keats, Shelley, Byron and the Hunt Circle. In: KEYMER, Thomas; MEE, John (Org.). *The Cambridge companion to English literature, 1740-1830*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 263-279.

<sup>7</sup> TALBOT, George. *Censorship in fascist Italy, 1922-43*. Nova York: Basingstoke; Palgrave Macmillan, 2007.

Já os locais de publicação correspondem, por um lado, às regiões de forte presença britânica e, depois, americana; e, por outro, ao papel cultural e político das cidades em questão. Desse modo, 74% dos títulos foram publicados em Florença e Roma, primeira e segunda capitais da Itália unificada, nas quais havia importantes contingentes de expatriados de língua inglesa. Havia também uma boa quantidade de títulos na Riviera, ao norte de Gênova, local de grande concentração de britânicos residentes, e na Riviera Napolitana, que atraía muitos turistas. Não surpreende que os títulos publicados em Milão, capital econômica da Itália, fossem todos ligados ao mundo dos negócios.<sup>8</sup>

GRÁFICO 3 - TEMPO DE VIDA.



Assim como em outros países, pode-se observar aqui uma grande volatilidade dos títulos. Trinta e três por cento deles têm uma duração de um ano ou menos; 30%, de dois a cinco anos; 22%, de seis a vinte anos. Isso reflete, em primeiro lugar, a natureza oscilante das comunidades anglófonas na Itália, bem como o caráter frequentemente amador dessas empreitadas jornalísticas, pelo menos até o começo do século XX. As publicações que duram muitas décadas têm, em geral, um bom apoio institucional (da Igreja Católica; dos escritórios de turismo; da própria CIA, no que diz respeito a algumas publicações da época da Guerra Fria).

<sup>8</sup> Para uma apresentação da totalidade do *corpus* por local e tipo de publicação, cf. RICHEL, Isabelle. The English-speaking press in Italy. Disponível em: <<https://univ-paris-diderot.academia.edu/IsabelleRichtel>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

GRÁFICO 4 - TIPO DE PUBLICAÇÕES %.



Por fim, a natureza desses periódicos é muito diversa: 20% deles são publicações turísticas; 19 % são publicações de variedades; 15%, revistas culturais de alta qualidade; 14%, revistas políticas; 15%, são jornais que constituem um tipo de interface entre os expatriados residentes e os turistas anglófonos; 11% são revistas de negócios; e 6%, revistas religiosas.

Se, por um lado, tais publicações inscrevem-se em uma dinâmica de contatos e trocas entre o mundo anglófono e a Itália, por outro, as questões apresentadas por cada uma delas é bem diversa. As publicações que nos interessa analisar são, sobretudo, as que atuam na transmissão e na circulação transnacional de modelos e ideias políticas e culturais. Após algumas considerações sobre a importância dos locais de publicação, nossa análise se concentrará sobre as redes que viabilizam tais iniciativas e, depois, em algumas observações conclusivas que buscarão identificar o tipo de espaço criado pelos periódicos de língua inglesa na Itália.

#### LOCAIS: DINÂMICAS TRANSNACIONAIS E NACIONAIS

Uma rápida análise estatística do *corpus* permite observar diferentes condições que foram essenciais para a publicação desses periódicos. A primeira é,

evidentemente, a liberdade de imprensa, que existiu apenas de modo esporádico no século XIX, antes da unificação da Itália em 1860-1870, e que foi depois completamente suspensa, entre 1925 e 1943, durante o regime fascista.<sup>9</sup> A segunda condição é a existência de uma importante comunidade de língua inglesa na Itália. Se desde o surgimento do *Grand Tour* a Itália atraiu inúmeros viajantes aristocráticos das ilhas britânicas que iam passar ali algumas semanas ou meses para aprimorar sua cultura,<sup>10</sup> a partir das primeiras décadas do século XIX observa-se uma transformação dos “*grands tourists*” em residentes. Estivessem em busca de um clima mais agradável para a saúde, ou de um baixo custo de vida; fossem artistas em formação ou colecionadores, ou se interessassem pela história e pelo comércio da arte; estivessem fugindo da industrialização ou, ao contrário, buscassem promover alguns benefícios em um país que ainda era, em grande medida, agrícola e artesanal; ou, ainda, tentassem proteger-se de seus credores ou das consequências de algum escândalo sexual; o fato é que dezenas de milhares de britânicos e, depois, de americanos decidiram na época se estabelecer de modo definitivo na Itália, sem nunca, contudo, terem cortado completamente seus laços com o respectivo país de origem.<sup>11</sup> Desse modo, no final do século XIX, Florença tinha entre 25 e 30 mil residentes anglófonos, mais de 10% da população total da cidade. Roma tinha entre 15 e 20 mil. Quanto às pequenas estações da Riviera Lígure, como Bordighera e Alassio, elas tinham mais residentes anglófonos que italianos até o final dos anos 1920. Paralelamente, a modernização e o baixo custo dos transportes possibilitavam a ida de muitos turistas, que queriam visitar as cidades artísticas da Itália.<sup>12</sup> Integrantes das classes média e alta instruídas, tanto

<sup>9</sup> BOGGIANI, Rinaldo. *Storia della libertà di stampa in Italia*. Roma: Edizione Associate, 2011.

<sup>10</sup> BLACK, Jeremy. *Italy and the Grand Tour*. New Haven, Londres: Yale University Press, 2003.

<sup>11</sup> HAMILTON, Olivia. *Paradise of exiles: Tuscany and the British*. Londres: André Deutsch, 1974. p. 137-40; SWEET, Rosemary. *Cities and the Grand Tour: the British in Italy c. 1690-1820*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012; HIBBERT, Christopher. *Florence: the biography of a city*. Londres: Penguin, 1993. p. 260-284; PAOLINI, Claudio. *A sentimental journey: Inglesi e Americani a Firenze tra Ottocento e Novecento*. I luoghi, le case, gli alberghi. Firenze: Polistampa, 2013. p. 12-29; LANCE, William L. *America's Rome*. 2 v. New Haven, Londres: Yale University Press, 1989; IANNATTONI, Livio. *Roma e gli Inglesi*. Rome: Atlantica Editrice, 1945. p. 77-94.

<sup>12</sup> ARTOM-TREVES, Giuliana. Come Firenze diventò Florence. In: BRITISH INSTITUTE OF FLORENCE. *Inghilterra e Italia nell' 900. Atti del Convegno di Bagni di Lucca, ottobre 1972*. Florence: La Nuova Italia, 1973. p. 12; LANCE, William L. *America's Rome*; BARTOLI, Alessandro. *Le colonie britanniche in Riviera tra Ottocento e Novecento*.

os residentes quanto os turistas estavam acostumados ao modo particular de sociabilidade virtual representado pela imprensa diária ou periódica que, em seu país de origem, desde as primeiras décadas do século, buscava satisfazer o apetite cultural e político de leitores com interesses bastante diversificados.<sup>13</sup> E eles não queriam ser privados da imprensa durante uma estada no estrangeiro – fosse longa ou curta –, constituindo-se, assim, em leitores potenciais, cuja demanda rapidamente suscitaria uma oferta grande e variada.

Para determinar a importância dos lugares de publicação, é fundamental analisar a dinâmica em jogo entre as diferentes capitais políticas e culturais da Itália, as quais, na época, atuavam no “processo de captação de circuitos de reconhecimento internacional”.<sup>14</sup> Com a reputação de “Atenas da Itália”, Florença se impôs desde muito cedo no século como a capital da Renascença, atraindo com isso uma grande quantidade de artistas e pesquisadores do resto da Europa que iam para as diferentes academias e institutos que existiam ou se instalavam ali.<sup>15</sup>

No tempo dos grão-duques de Lorena, a cidade se afigurava igualmente como um centro urbano mais aberto, onde moravam as elites liberais não só de todo o país, como as de toda a Europa; um lugar de reencontro importante para essas elites era o célebre Gabinete de Leitura Vieusseux, que fazia virem até a Toscana as melhores publicações periódicas de toda a Europa e que se tornou uma espécie de círculo cultural e político do período pré-unificação.<sup>16</sup> Se o papel político da capital dos estados do papa se enfraqueceu em

<sup>13</sup> SOMMERVILLE, C. John. *The news revolution in England: cultural dynamics of daily information*. Nova York, Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 149-60; RUSSELL, Gillian; TUIE, Clara. Introducing romantic sociability. In: RUSSELL, Gillian; TUIE, Clara. *Romantic sociability: social networks and literary culture in Britain, 1770-1840*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 7-13; PALMEGIANO, E.M. The “fourth estate”: British journalism in Britain’s century. In: COLLINS, Ross F.; PALMEGIANO, E.M. (Org.). *The rise of western journalism, 1815-1914*. Jefferson, N.C.: McFarland & C<sup>o</sup>, 2007. p. 157-53.

<sup>14</sup> DONATO, Maria Pia; LILTI, Antoine; VAN DAMME, Stéphane. La sociabilité culturelle des capitales de l’âge moderne: Paris, Londres, Rome (1650-1820). In: CHARLES, Christophe (Org.). *Le temps des capitales culturelles*. Seyssel: Champ Vallon, 2009. p. 42.

<sup>15</sup> FANTONI, Marcello (Org.). *Gli Anglo-americano a Firenze: idea e costruzione del Rinascimento*. Rome: Bulzoni, 2000; ADORNO, Francesco (Org.). *Accademie e istituzioni culturali a Firenze*. Florence: Leo S. Olshki, 1983.

<sup>16</sup> DESIDERI, Laura (Org.). *Il Vieusseux: storia di un gabinetto di lettura 1819-2000*. Florence: Edizioni Polistampa, 2001; MIGLIORINI, Luigi Mascilli. Il Gabinetto Vieusseux nella seconda metà dell’Ottocento. *Rassegna Storica Toscana*, Florença: Olshki, v. 21, n. 2, p. 169-180, jul.-dez. 1965.

uma Europa cada vez mais secularizada, antes da unificação do país, Roma se desenvolveu, apesar de tudo, como centro de formação de artistas vindos da Europa e do outro lado do Atlântico e como lugar importante do comércio de arte da Itália e internacional.<sup>17</sup>

Devido a tal papel cultural e político, foram essas as duas cidades que atraíram o maior número de expatriados de língua inglesa antes e depois da unificação – unificação que viu Florença e Roma se sucederem como capitais do Reino da Itália. É por isso mesmo que ali era possível encontrar também as diversas condições necessárias para a produção e a difusão de publicações, indispensáveis a todo projeto editorial, periódico ou não. Florença foi durante muito tempo a capital editorial da Itália, e Roma tomou seu lugar em seguida. Essas duas cidades contavam com várias livrarias-editoras, como a Monaldini e a Piale em Roma, e a Le Monnier e a Olschki em Florença, todas igualmente abertas à cultura europeia e em busca de novos leitores. Havia ali também salões de leitura ou bibliotecas de empréstimo, como a livraria-editora Piale e a Miss Wilson, em Roma, e o Gabinete Vieusseux, a livraria Molini – que possuía ainda uma loja em Londres – e diferentes clubes, concebidos segundo o modelo britânico, em Florença.<sup>18</sup>

#### AS REDES POLÍTICAS, CULTURAIS E JORNALÍSTICAS

Surgidos nesse rico contexto cultural, os periódicos de língua inglesa na Itália fizeram parte, desde o início, de redes nacionais e transnacionais de naturezas diversas e que, muitas vezes, coincidiam entre si: redes políticas, redes culturais e redes jornalísticas.

Se considerarmos, com Laurel Brake, que redes são estruturas que permitem transmissões e trocas culturais, então, poderemos dizer que elas fazem parte da

<sup>17</sup> DONATO, Maria Pia; CAPITELLI, Giovanna; LAFRANCONI, Matteo. Rome capitale des arts au XIX<sup>e</sup> siècle. In: CHARLE, Christophe (Org.). *Le temps des capitales culturelles*. Seyssel: Champ Vallon, 2009. p. 66-67.

<sup>18</sup> PALAZZOLO, Maria Iolanda. Geografia e dinamica degli insediamenti editoriali. In: TURI, Gabriele (Org.). *Storia dell'editoria nell'Italia contemporanea*. Florença: Giunti, 1997. p. 45-51; PALAZZOLO, Maria Iolanda. L'editoria romana tra dominio pontificio e unificazione italiana. *Ricerche Storiche*, Florença, v. 25, n. 3, p. 653-70, 1995.

natureza do próprio desenvolvimento das publicações periódicas.<sup>19</sup> Mas no caso que nos interessa aqui, as redes jornalísticas também derivavam e participavam do desenvolvimento de outras redes, permitindo a circulação de ideias políticas e da pesquisa cultural entre as elites liberais do Reino Unido e da Itália ao longo do século XIX.

A rede mais importante era a do *Risorgimento*, movimento de luta pela independência e unificação da Itália, que se estendeu por muitas décadas e que se desenvolveu, em parte, no exílio. As principais elites moderadas (reunidas em torno de Ugo Foscolo, nos anos de 1820-1830) ou radicais (ao redor do republicano Giuseppe Mazzini, nos anos de 1830-1840, e depois de 1850) se refugiaram na Inglaterra, encontrando ali um apoio material e intelectual junto aos círculos liberais britânicos e tecendo laços de amizade e até mesmo familiares naquele meio.<sup>20</sup> Como mostrou Maurizio Isabella, o jornalismo foi o principal recurso – quase essencial – usado nas campanhas que buscavam conseguir apoio para a libertação da Itália. E foi por intermédio de inúmeras revistas que atuavam naquilo que Habermas chamou de “a emergência da esfera pública da sociedade civil” que os laços transnacionais se teceram.<sup>21</sup>

Além disso, na falta de uma estrutura política unificada, ao longo dos séculos XVIII e do XIX a identidade nacional italiana acabou se construindo por meio da cultura. E muitas vezes os britânicos costumavam demonstrar seu apoio à causa italiana por meio da cultura; é o que se vê, por exemplo, na prática comum do uso da língua italiana pelas elites liberais, ou nas muitas traduções, pelos

<sup>19</sup> BRAKE, Laurel. Time's turbulence: mapping journalism networks. *Victorian Periodicals Review*, Baltimore: JHUP, v. 44, n.2, p. 116-17, 2011.

<sup>20</sup> RUDMAN, Harry W. *Italian nationalism and English letters*. Londres: George Allen & Unwin, 1940. p. 18-19, 62-74, 88-97; MACK SMITH, Denis. Gli inglesi e l'amore per l'Italia. *Rassegna Storica Toscana*, Florença, v. 33, n. 1, p. 11-20, jan.-jun. 1987. ISABELLA, Maurizio. *Risorgimento in exile: Italian emigrés and the liberal international in the Post-Napoleonic Era*. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 21-31, 186-211; PESMAN, Ros. The marriage of Giorgina Craufurd and Aurelio Saffi. In: BALDASSAR, Loretta; GABACCIA, Donna R. (Org.). *Intimacy and Italian migration: gender and domestic lives in a mobile world*. Nova York: Fordham University Press, 2011. p. 25-36; GINZBORG, Paul. Il mito del Risorgimento nel mondo britannico. *Il Risorgimento*, v. 47, n. 1-2, p. 384-98, 1995.

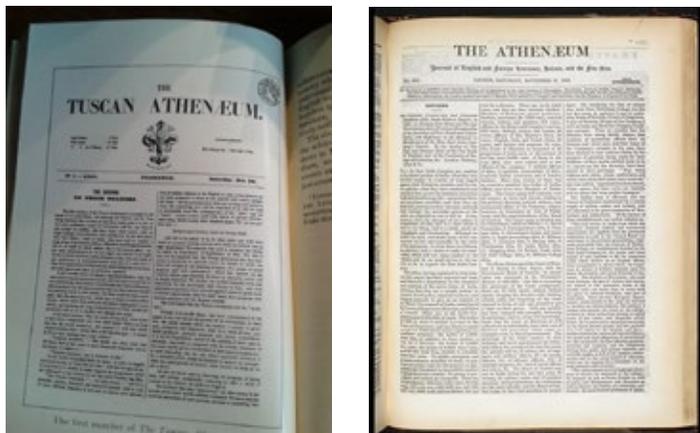
<sup>21</sup> HABERMAS, Jürgen. *The structural transformation of the public sphere*. Cambridge: Polity Press, 2014. p. 30, p. 85; HAMPTON, Mark. Liberalism, the press, and the construction of the public sphere: theories of the Press in Britain 1830-1914. *Victorian Periodicals Review*, Baltimore: JHUP, v. 37, n. 1, p. 72-92, 2004.

estudos de história da arte, na formação de artistas, nos projetos arqueológicos, que se multiplicam ao longo do século XIX e levaram alguns britânicos a temporadas prolongadas na península italiana, alimentando inúmeras publicações de periódicos em língua inglesa sobre esses assuntos, tanto na Grã-Bretanha quanto na Itália.<sup>22</sup>

A apresentação de algumas revistas, que estão entre as mais interessantes do ponto de vista das trocas culturais entre o mundo anglófono e a Itália, permite tornar mais concretas essas considerações sobre as redes e ilustrar como elas se cruzavam e se reforçavam ao longo do século XIX.

*THE TUSCAN ATHENAEUM* (1847-1848)

FIGURA 1 - *THE TUSCAN ATHENAEUM*.



<sup>22</sup> GALIGNANI, Giuseppe. *Italomania: Italy and the English-speaking world from Chaucer to Seamus Heaney*. Florença: M. Pagliai, 2007; CAVALIERO, Roderick. *Italia Romantica: English romantics and Italian freedom*. Londres: I.B. Tauris, 2005. p. 198-200; PFISTER, Manfred (Org.). *Performing national identity: Anglo-Italian cultural transactions*. Amsterdã: Rodopi, 2008; CHAPMAN, Alison. *European exchanges*. p. 296-299.

A revista anglo-florentina *The Tuscan Athenaeum* se inspirava diretamente na bastante conhecida revista britânica *The Athenaeum* (1828-1911), no que diz respeito tanto à sua apresentação gráfica quanto ao seu conteúdo liberal, aderindo ao movimento democrático que ganhou força na Toscana no fim dos anos de 1840.<sup>23</sup> Desde o fim da censura exercida pelo grão-duque da Toscana, no verão de 1847, alguns intelectuais britânicos residentes em Florença e fortemente engajados no apoio pela luta de liberação da Itália aproveitaram a ocasião para lançar uma publicação semanal que informava seus compatriotas sobre o sentido da luta na Itália e travava um diálogo com as elites liberais italianas.

Por trás do *Tuscan Athenaeum* estava um casal de escritores, Thomas Adolphus Trollope e Theodosia Garrow Trollope. Thomas pertencia a uma grande família de intelectuais liberais e seguiu os passos de sua mãe, a escritora Frances Trollope, quando ela se instalou em Florença, no começo dos anos de 1930, em busca de um ambiente culturalmente estimulante e ao mesmo tempo mais econômico, em que ela pudesse atender às necessidades da família com o seu trabalho de escritora. Seu irmão, Anthony Trollope, se tornou em pouco tempo um dos mais célebres romancistas do período vitoriano. O próprio Thomas Trollope era um historiador que se consagrou a pesquisas sobre a história e a cultura italianas.<sup>24</sup> De um meio social parecido, Theodosia Garrow recebeu uma sólida educação e teve sua vocação de escritora e poeta encorajada por um pai bastante liberal – o que era raro para uma jovem mulher na época.<sup>25</sup> Em Florença, eles eram amigos de outros intelectuais ingleses fortemente engajados em prol do movimento democrático italiano, tais como os poetas Elizabeth Barrett Browning e Robert Browning, bem como o escritor republicano Walter Savage Landor, que algumas vezes publicou artigos assinados na *Tuscan Athenaeum*.<sup>26</sup> Sua casa, a “Villino Trollope”, tornou-se

<sup>23</sup> BEALES, Derek; BIAGINI, Francesco. *The Risorgimento and the unification of Italy*. Londres: Routledge, 2014. p. 83-101.

<sup>24</sup> NEVILLE-SINGTON, Pamela. *Fanny Trollope: the life and adventures of a clever woman*. Londres: Viking, 1997. p. 300-340; CRINO, Anna-Maria. La Firenze Granducale dell'Ottocento negli scritti di Thomas A. Trollope. *Nuova Rivista Storica*, p. 357-383, 1942.

<sup>25</sup> CHAPMAN, Alison. The expatriate poetess: nationhood, poetics and politics. In: CHAPMAN, Alison (Org.). *Victorian women poets*. Cambridge: D.S. Brewer, 2003. p. 57-77.

<sup>26</sup> Elizabeth Barrett Browning escreveu um longo livro poema sobre a revolução de 1847-48, na Toscana, que ela acompanhou a partir da janela de sua casa e que ela intitulou *Casa Guidi Windows*. Cf. AVERY, Simon. ‘Twixt Church and Palace of a

um importante centro de encontros e de discussões para a *intelligentsia* britânica liberal residente ou de passagem e para os patriotas italianos mais próximos da ala radical mazziniana do *Risorgimento*.<sup>27</sup>

O objetivo da revista dos Trollope era claramente apoiar esses últimos “em um espírito de simpatia sincera e de cooperação respeitosa”, conforme anunciou no primeiro editorial, e informar seus compatriotas sobre a vitalidade política da Itália contemporânea. Ao tomar parte do debate público então ativo, os editores pretendiam também estabelecer uma espécie de diálogo, por meio dos periódicos, com os líderes do movimento democrático italiano. Os Trollopes estavam próximos de publicações patrióticas italianas tais como *La Patria* e *L’Alba*, e muitas vezes reproduziam no *Tuscan Athenaeum* as análises do momento feitas por eles.<sup>28</sup> Em meio aos raros artigos assinados, por exemplo, encontramos o nome de Paolo Emiliano Giudicci, autor de uma importante história da literatura italiana, professor na Escola Nacional Superior de Pisa – que foi destituído por seu liberalismo depois do fracasso da revolução de 1848 – e fino conhecedor da vida intelectual inglesa – ele traduziu o historiador Macaulay –, que também escrevia no *La Patria*.

Os Trollope pertenciam, portanto, ao mesmo tempo às redes políticas e culturais, inglesas e italianas, e às redes jornalísticas, conforme é possível constatar no *Wellesley Index of Victorian Periodicals*.<sup>29</sup> Thomas escrevia regularmente nas principais revistas britânicas e Theodosia publicava também muitas traduções de autores patrióticos italianos. Além disso, por ocasião da revolução de 1860, a *Athenaeum* de Londres encarregou a escritora de realizar a cobertura dos acontecimentos revolucionários na Itália, e seus artigos foram mais tarde reunidos em um volume intitulado *Social aspects of the Italian Revolution, in a series of letters*

Florence Street’: Elizabeth Barrett Browning and Italy. In: AVERY, Simon; STOTT, Rebecca (Org.). *Elizabeth Barrett Browning*. Londres: Routledge, 2014. p. 156-180; WHITING, Lilian. *The Florence of Landor*. Boston: Little, Brown, 1912.

<sup>27</sup> TROLLOPE, Thomas Adolphus. *What I remember*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 357-375; BARFUCCI, Enrico. *Giornate fiorentine: la città, la collina, i pellegrini stranieri*. Florença: Vallecchi Editore, 1958. p. 224.

<sup>28</sup> SFORZA, Giovanni. I giornali fiorentini degli anni 1847-49. *Rivista del Risorgimento*, v. 3, fasc. 3, p. 254-270, 1898; ROTONDI, Clementina. Il Giornale fiorentino ‘La Patria’ (1847-1848). *Rassegna Storica Toscana*, v. 18, n. 1, p. 35-36, jan.-jun. 1971.

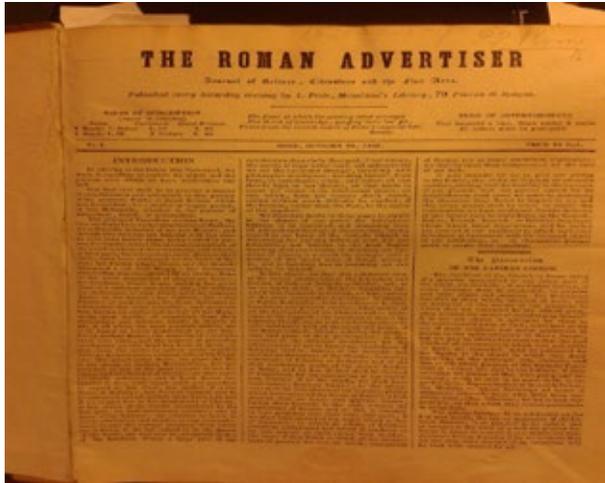
<sup>29</sup> Esse índice, que conta com vários volumes, busca identificar os autores que escreviam nas diferentes revistas britânicas no século XIX, uma vez que naquele momento (e isso se estendeu até o fim do século) a tradição era não assinar os artigos.

*from Florence*, ainda hoje disponível – assim como ainda estão disponíveis suas traduções de autores patrióticos italianos do século XIX.<sup>30</sup>

O *Tuscan Athenaeum* só poderia durar enquanto houvesse liberdade de imprensa. Mas a publicação parou, na verdade, bem antes da derrota da revolução toscana de 1848, no final da primavera. Na verdade, se por um lado os editores foram bem-sucedidos no projeto de estabelecer um diálogo com os patriotas italianos, por outro, eles parecem não ter tido tanto êxito junto aos seus compatriotas que, assustados com os movimentos revolucionários, abstiveram-se maciçamente de visitar a Itália durante esse período movimentado, limitando assim o público leitor potencial da revista.

#### *THE ROMAN ADVERTISER* (1846-1849)

FIGURA 2 - *THE ROMAN ADVERTISER*.



<sup>30</sup> TROLLOPE, Theodosia Garrow. *Social aspects of the Italian Revolution, in a series of letters from Florence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

É mais difícil encontrar informações sobre essa revista, que acompanhou, primeiro, a liberação do regime papal, na época de Pio IX em 1846-47 (e se beneficiou assim de um tom mais brando da censura), e depois na República romana de 1848-1849.<sup>31</sup> Mas os dados que existem confirmam a sua inserção nas redes que nos interessam. Inicialmente, a intenção dos editores era publicar um periódico sério, que tratasse de questões científicas, literárias e artísticas, tal como foi anunciado no primeiro número da revista. Eles se preocupavam, sobretudo, com a falta de informações sobre a Itália contemporânea, da parte de seus compatriotas, e pretendiam compensar essa “carência lamentável”, dando a ver a grande vitalidade de sua produção intelectual e artística.<sup>32</sup> Por precaução, buscavam permanecer à parte das “controvérsias políticas e teológicas”, mas, por força das circunstâncias, foram levados a seguir com um interesse controlado, embora crescente, os acontecimentos políticos nos Estados da Igreja, que viram sucessivamente a fuga do papa, a implantação da república romana, em fevereiro de 1849, sob o triunvirato de Giuseppe Mazzini, Aurelio Saffi e Carlo Armellini, e a derrubada deste último, em julho de 1849.<sup>33</sup>

A parte material da produção da revista *Roman Advertiser* era garantida pelas livrarias-editoras Monaldini e Piale, ávidas por captar o crescente público leitor de língua inglesa, e que dispunham também de salões de leitura em Roma. Mas o periódico era editado por um intelectual britânico de origem irlandesa, Charles Isidore Hemans. Ele tinha se instalado muito jovem em Roma, a fim de se dedicar ao estudo da Antiguidade Clássica e da Igreja Católica, bem como às pesquisas arqueológicas, que se intensificavam naquela época. Além disso, ele foi o fundador, em 1865, e primeiro presidente da *English Archeological Society* de Roma. Mais conservadores que os Trollope – e mais prudentes, dado o contexto romano – os redatores estavam mais próximos da corrente moderada do *Risorgimento*. Hemans tinha dado aulas de inglês para o piemontês Massimo d’Azeglio, que tinha se instalado em Roma para seguir a carreira de pintor, antes de se lançar com sucesso na literatura e se tornar, depois, nos anos 1850,

<sup>31</sup> MATSUMOTO-BEST, Saho. *Britain and the papacy in the Age of Revolution, 1846-1851*. Londres: Royal Historical Society, 2003. p. 111-136.

<sup>32</sup> INTRODUCTION. *The Roman Advertiser*, Roma, p. 1, 24 out. 1846.

<sup>33</sup> SEVERINI, Marco. *La Repubblica Romana del 1849*. Veneza: Marsilio, 2011.

primeiro-ministro do Reino do Piemonte.<sup>34</sup> E era o seu reformismo revestido de legalidade e a sua proximidade de Cavour que se davam a ver nas páginas da *Roman Advertiser*.

Em 1848, Hemans foi substituído na função de editor pelo pintor e escritor Arthur John Strutt. Este tinha chegado em Roma com o pai – que também era pintor – em 1831, ainda adolescente, e passou a vida inteira ali, bem inserido nos meios artísticos romanos, que ele cobria para as páginas da revista.<sup>35</sup> Ele se tornou também um autor reconhecido de livros de viagem sobre a Itália, especialmente sobre o Sul e a Sicília.<sup>36</sup> Mais interessados na cultura do que na política, os editores da *Roman Advertiser* estavam inscritos em redes jornalísticas transnacionais: eles escreviam para as principais revistas britânicas, que recenseavam suas obras, e, em permuta, reproduziam artigos dessas revistas na *Roman Advertiser*, atuando, assim, nas trocas culturais entre os dois países.<sup>37</sup> À semelhança do *Tuscan Athenaeum*, a revista romana era muito condicionada pelo contexto político, e sua publicação foi interrompida com a instauração da República Romana e a restauração do poder pontifício – e, conseqüentemente, da censura – em julho de 1849.

<sup>34</sup> BOASE, George Clement. Hemans, Charles Isidore. In: OXFORD dictionary of national biography. Oxford University Press. Disponível em: <<http://www.oxforddnb.com/view/article/12887>>. Acesso em: 27 fev. 2017;

HEMANS, Charles Isidore. *The Athenaeum*, Londres, p. 600, 4 nov. 1976; SPADA, Giuseppe. *Storia della rivoluzione di Roma e della restaurazione del governo pontificio dal 1 giugno 1846 al 15 luglio 1849*. Florença: G. Pellas, 1868. v. 1, p. 324.

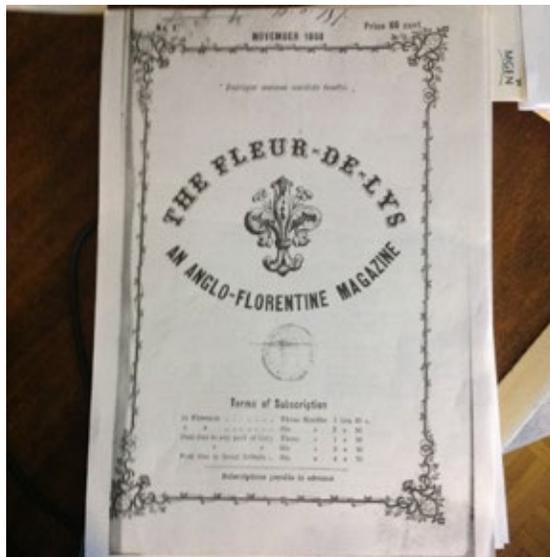
<sup>35</sup> SPADA, Giuseppe. *Storia della rivoluzione di Roma*, p. 324-325.

<sup>36</sup> Seu livro *A pedestrian tour of Calabria and Sicily* é um clássico do gênero. Cf. ROSSI, Fernanda. *Itinerari e viaggiatori inglesi nella Calabria del '700 e '800*. Soveria Manelli: Rubettino, 2001. p. 69.

<sup>37</sup> A revista publicou artigos da *Edinburgh Review*, da *Blackwood's Magazine*, da *Quarterly Review*, bem como da *Revue des Deux Mondes* e da *Allgemeine Zeitung*.

*THE FLEUR DE LYS* (1868-)

FIGURA 3 - *THE FLEUR DE LYS*.



Em 1865, no efêmero *Times*, publicado apenas por alguns números em Florença, apareceu uma chamada para assinaturas de uma “revista anglo-florentina” que seguia o modelo da *Galvani’s Messenger*, publicada com sucesso em Paris desde 1814.<sup>38</sup> A primeira fase da unificação da Itália estava concluída, e Florença tinha se tornado naquele ano a primeira capital do reino. A comunidade anglófona na capital toscana não parava de crescer e se diversificar, enquanto muitos britânicos – e cada vez mais americanos – eram atraídos especialmente pelo desenvolvimento e pelas oportunidades oferecidas por uma cidade que sediava o governo do país.<sup>39</sup>

<sup>38</sup> Sobre o *Galvani’s Messenger*, cf. COOPER-RICHET, Diana. *Les imprimés de langue anglaise en France*, p. 128-131.

<sup>39</sup> HIBBERT, Christopher. *Florence: the biography of a city*, p. 250-259; SICA, Grazia Gobbi. *Nell’occhio anglo-americano: Firenze fra Ottocento e Novecento*. In: CIACCI, Marguerita; SICA, Grazia Gobbi. *I giardini delle regine: il mito di Firenze nell’ambiente preraffaellita e nella cultura Americana fra Ottocento e Novecento*. Livorno: Sillabe, 2004. p. 40-59; VANNUCCI, Marcello. *Quando Firenze era capitale*. Florença: Bonechi, 1985.

A continuidade e a renovação eram características dessa comunidade, como se pode perceber pela lista de assinantes da chamada publicada. Aí encontramos o nome de Thomas Adolphus Trollope, o editor da *Tuscan Athenaeum*. Sua esposa Theodosia tinha falecido no ano anterior, mas ele ainda era um ponto de referência importante nessa comunidade transnacional e buscava, havia anos, uma carreira jornalística como correspondente do *London Daily News* e do *London Times*.<sup>40</sup> Sir James Hudson, diplomata britânico bastante comprometido com o apoio ao *Risorgimento*, tinha sido ministro no Reino do Piemonte e primeiro embaixador no reino unificado; acabara de se aposentar em Florença e se interessava pelas obras de urbanização da capital realizadas por meio da *Florence Land and Public Works Company*, sociedade de capitalistas ingleses da qual era presidente.<sup>41</sup> Timothy Bigelow Lawrence era o novo cônsul-geral dos Estados Unidos na Itália e um importante colecionador de armas, assim como Marco Guastalla, um dos maiores especialistas italianos em armaduras antigas, que colaborou com Frederic Stibbert e com o Sir John Temple Leader para formar as coleções que ainda hoje podemos admirar nas colinas de Florença.<sup>42</sup> Sebastiano Fenzi, por sua vez, pertencia a uma família de banqueiros e industriais florentinos que comercializavam muito com a Inglaterra. Ele próprio havia passado vários anos no Reino Unido, onde inclusive se casou. Apaixonado pela cultura britânica, ele estava convencido de que a tradição liberal de discutir publicamente, por meio de revistas, seria uma contribuição fundamental para uma sociedade privada de debates, ainda mais depois das revoluções fracassadas de meados do século. E foi com o objetivo anunciado de tentar fazer “uma transusão do pensamento inglês para as veias da sociedade italiana” que ele decidiu publicar em Florença, entre 1851 e 1852, uma *Rivista Britannica*, com a ajuda de James Stuart Montgomery, um escocês expatriado que vivia na Toscana e que

<sup>40</sup> PAOLINI, Claudio. *A sentimental journey*, p. 128.

<sup>41</sup> PESCI, Ugo. *Firenze capitale, 1865-1870*. Florença: Bemporad, 1904. p. 453; CAMERANI, Sergio. *Cronache di Firenze capitale*. Florence: Olschki, 1971. p. 133; GREPPI, Edoardo; PAGELLA, Enrica (Org.). *Sir James Hudson nel Risorgimento italiano*. Soveria Manelli: Rubbettino, 2012.

<sup>42</sup> BALDRY, Francesca. *John Temple Leader e il Castello di Vincigliata*. Florence: Olschki, 1997; DI MARCO, Simona. *Frederick Stibbert, 1838-1906: vita di un collezionista*. Turim: Alemandi & C°, 2008.

era também, na época, correspondente do *Morning Post* de Londres.<sup>43</sup> Seguindo o modelo da *Revue Britannique* publicada em Paris, ele reproduzia, em tradução, alguns artigos dos melhores periódicos da Grã-Bretanha.<sup>44</sup> Obrigado pela censura a não publicar textos abertamente políticos, ele conseguia, apesar de tudo, fazer passarem, nas entrelinhas, muitas ideias liberais, o que explica, sem dúvida, que depois de dois anos sua autorização de publicação não tenha sido renovada.<sup>45</sup>

O resultado da chamada mencionada acima foi a revista mensal *The Fleur de Lys*, cujo primeiro número apareceu em novembro de 1868 e cujo título fazia referência ao símbolo da cidade de Florença. Ela não parecia, na realidade, com a *Galignani's Messenger*, apesar do desejo dos seus patrocinadores. Ela se inspirava fortemente nas revistas literárias britânicas, mas com uma nítida cor local. Como seus predecessores, os editores queriam, antes de tudo, atrair a atenção de seus compatriotas sobre a grande vitalidade da sociedade e da cultura italianas da época. Assim, se a revista dizia pretender cobrir o “rico passado” de Florença, ela desejava, sobretudo, destacar o seu “presente tão vivo”.<sup>46</sup> Por isso, a maioria dos autores eram anglófonos que moravam na capital toscana. Os aprendizes de escritor e de artista eram muitos, mas também encontrávamos em suas páginas artigos de Charles Isidore Hemans, que escrevia regularmente sobre pesquisas arqueológicas. Entre os jovens autores, estava “Leader Scott”, pseudônimo da escritora Lucy Baxter, a única que alcançou certo renome. Pertencia a uma família de intelectuais ligada a vários anglo-florentinos e depois de casada estabeleceu residência na capital toscana, onde se tornou uma figura importante da vida cultural local até sua morte.<sup>47</sup>

A revista não tinha cunho político. Ela refletia os interesses culturais de um público leitor potencial imaginado pelos editores. Servia, também, de espaço para a circulação de produções literárias e científicas de vários residentes, que não encontravam meios para publicar seus trabalhos no mercado das revistas literárias

<sup>43</sup> PERINI, Claudio. Sebastiano Fenzi e la *Rivista Britannica. Rassegna Storica Toscana*, v. 41, n. 1, p. 99-120, jan.-jun. 1995. BERBEGLIA, Simonetta. James Montgomery Stuart: a Scotsman in Florence. In: SCHAFF, Barbara (Org.). *Exiles, émigrés, and intermediaries: Anglo-Italian cultural transactions*. Amsterdã: Rodopi, 2010. p. 122-124.

<sup>44</sup> JONES, Kathleen. *La Revue Britannique: son histoire et son action littéraire (1825-1840)*. Paris: Librairie Droz, 1939.

<sup>45</sup> PERINI, Claudio. Sebastiano Fenzi e la *Rivista Britannica*, p. 114-115.

<sup>46</sup> AN APOLOGY for an appearance. *The Fleur de Lys*, Florença, p. 5, nov.1868.

<sup>47</sup> WATERHOUSE, Paul. Baxter, Lucy. In: *DICTIONARY of national biography*. Londres: Smith, Elder & Co., 1912. p. 113.

britânicas, o qual era bastante competitivo, e pretendiam utilizar seus conhecimentos na Toscana para manterem-se em um “nicho” anglo-florentino. O curto tempo de vida da *The Fleur de Lys* – dois anos – reflete, no entanto, a dificuldade de se estabelecer uma equipe estável e profissional de redatores e colaboradores talentosos, assim como de antecipar os anseios do público leitor visado. A *Italian Review* e a *Florence Gazette* enfrentaram essas duas questões com relativo êxito.

#### *THE ITALIAN REVIEW* (1900-1902)

FIGURA 4 - *THE ITALIAN REVIEW*.



Essa revista mensal, publicada entre julho de 1900 e novembro de 1902 em Roma, buscava dar conta de todos os aspectos – políticos, econômicos, culturais, artísticos – da vida italiana moderna, incluindo, em cada número, uma seção chamada “o progresso das mulheres”. Lamentando, assim como as revistas apresentadas anteriormente, a quase total falta de informações dos britânicos e dos americanos em relação ao que ocorria na Itália de seu tempo, a *Italian Review* propunha dar a ver os “progressos notáveis da produção intelectual, industrial e agrícola do nosso país.”<sup>48</sup>

<sup>48</sup> OUR PROGRAMME. *The Italian Review*, Roma, p. 3, jul. 1900.

O pronome “nosso” pode surpreender à primeira vista, mas ele põe em destaque o caráter transcultural do projeto, caráter personificado na sua própria redatora-chefe. Fanny Zampini Salazar nascera na Inglaterra, onde tinha se refugiado seu pai, originário de Calabre, obrigado a fugir de Nápoles depois do fracasso da revolta de 1848. Filha de mãe inglesa, ela cresceu em um ambiente mazziniano no exílio, mas também foi fortemente influenciada pelas lutas das primeiras sufragetes britânicas. Tendo-se casado muito jovem e em um casamento arranjado, divorciou-se pouco depois e abraçou a carreira de jornalista profissional, com um interesse particular nas questões ligadas à situação das mulheres.<sup>49</sup> Seu primeiro projeto jornalístico na Itália foi, além disso, uma revista feminista, *La Rassegna Degli Interessi Femminili* (1886-1890).

Não obstante, ela se interessava, sobretudo, pelo desenvolvimento das relações amigáveis entre as suas duas pátrias. Professora de literatura britânica no Instituto Superior de Roma, buscou promover ali o “modelo inglês de educação” e se tornou uma figura importante da vida cultural da época.<sup>50</sup> Sua revista, por outro lado, desejava informar o público leitor britânico na Itália e no Reino Unido (a revista tinha um endereço em Londres) sobre a cultura italiana, mobilizando escritores que tivessem certa reputação em suas respectivas áreas. Os autores que ela publicava eram todos “profissionais”, ingleses e italianos, universitários em sua maioria, especialistas em pintura, arte e arqueologia: Violet Fane (pseudônimo de Lady Currie, esposa do embaixador do Reino Unido em Roma) era, ao mesmo tempo, uma escritora prolífica, uma poetisa admirada e uma boa conhecedora da sociedade romana;<sup>51</sup> Carlo Fiorelli era um arqueólogo de longa data e ocupava um alto cargo no Departamento de Antiguidades e Belas Artes na Itália; e havia ainda outros autores anglófonos especialistas em ópera e até nas práticas esportivas italianas.

A *Italian Review* reunia um excelente grupo de intelectuais. Esses autores procuravam, na revista, dar continuidade a um diálogo cultural transnacional

<sup>49</sup> RUFFO, Gaetina Sicari. Fanny Zampini Salazar. In: ENCICLOPEDIA delle donne. Disponível em: <[www.encyclopedialedonne.it](http://www.encyclopedialedonne.it)>. Acesso em: 10 dez. 2016.

<sup>50</sup> Seus escritos são incontáveis e seu talento foi reconhecido por intelectuais de primeira linha, como Benedetto Croce. Cf. CORDIE, Cara. B. Croce in una testimonianza su F. Zampini Salazar. *Critica Letteraria*, v. 20, fasc. iv, p. 217-253, 1983.

<sup>51</sup> HICOK, Kathleen. FANE, Violet. In: MITCHELL, Sally (Org.). *Victorian Britain: an encyclopedia*. Londres: Routledge, 2012. p. 287-288.

entre os intelectuais dos dois países, diálogo iniciado nas primeiras décadas do século XIX. Seria ela, a revista, um pouco especializada demais, para encontrar um público leitor amplo entre os intelectuais britânicos? Seria, talvez, demasiado exigente, em termos intelectuais, para os turistas anglófonos em busca de distrações mais leves? De todo modo, ela realmente não conseguiu achar um lugar para si no mercado e parou de ser publicada no fim de 1902.

*THE FLORENCE / ITALIAN GAZETTE* (1888-1915)

FIGURAS 5 E 6 - JORNAIS *THE FLORENCE GAZETTE* E *THE ITALIAN GAZETTE*.



O mesmo não aconteceu com o último exemplo que será apresentado aqui, um periódico semanal publicado entre 1888 e 1915 em Florença. *The Florence Gazette* – que passou a se chamar *The Italian Gazette* em 1907 – é uma publicação de natureza diferente. Apesar de menos séria e de visar um público com interesses variados, ela também aponta para a questão das redes discutida, pertencendo à categoria dos periódicos que faziam uma ligação entre os residentes e os turistas de língua inglesa, em um momento em que a comunidade dos residentes aumentava e se organizava e em que os turistas, cada vez em maior número, graças a

Thomas Cook e suas viagens organizadas, pertenciam às classes médias – culturalmente curiosas, porém, antes de tudo, em busca de entretenimento e distração.<sup>52</sup>

Esse periódico semanal teve certa longevidade – durou de 1888 a 1915. Ele encontrou uma fórmula que funcionava, e isso foi mérito, sem dúvida, de uma equipe mais profissionalizada, que soube responder às expectativas dos leitores. Uma rápida olhada nas cartas enviadas ao jornal dá uma ideia dos anseios desses: “Nós não queremos artigos e textos inteligentes, mas uma lista precisa de estrangeiros que chegaram recentemente.”; “Não temos nada que fazer com listas de residentes e visitantes... O que queremos realmente são notícias acerca do que acontece na cidade, as comemorações, as recepções...”; “Pouco nos importam as atividades sociais superficiais, nós queremos saber o que é preciso ver e fazer quando chegamos em Florença...”; “Não queremos notícias frívolas, endereços e observações insignificantes copiados dos guias de viagem. Queremos artigos inteligentes e textos brilhantes.”<sup>53</sup> O desafio dos redatores era responder a essas requisições contraditórias, o que eles conseguiam com certo sucesso. A ideia de fornecer aos turistas informações práticas de que eles precisavam, informá-los sobre a comunidade anglófona, tanto a residente quanto a de passagem pela cidade, mas também, em alguma medida, ensiná-los a apreciar o ambiente cultural toscano. Trata-se, antes de tudo, de um diálogo entre compatriotas, um tipo de comunidade virtual de anglófonos.

A redatora-chefe era uma intelectual britânica bastante cosmopolita, Helen Zimmern, nascida em uma família judaica alemã que se instalara na Grã-Bretanha quando ela ainda era criança. Recebera uma sólida educação, mas, por não vir de um meio privilegiado, era obrigada a viver do que escrevia, ao contrário de muitas das personagens citadas até aqui.<sup>54</sup> A intelectual anglo-florentina Vernon Lee, grande admiradora sua, lamentava que ela precisasse “se fazer

<sup>52</sup> VANNUCCI, Marcello. *Firenze Ottocento*. Rome: Compton Newton, 1992. p. 241; PALMOWSKI, Jan. *Travels with Baedeker: the guidebook and the middle classes in Victorian and Edwardian Britain*. In: KOSHAR, Rudy (Org.). *Histories of leisure*. Oxford, Nova York: Berg, 2002. p. 107-116. Em 1891, havia pelo menos seis livrarias anglófonas em Florença.

<sup>53</sup> THE FLORENCE GAZETTE. Florença, 3 jan. 1891.

<sup>54</sup> ZIMMERN, Helen (1846-1934). In: BRAKE, Laurel; DEMOOR, Marysa (Org.). *Dictionary of nineteenth-century journalism*. Gante: Academia Press; Londres: The British Library, 2009. p. 699.

de escritora para o ganha-pão”.<sup>55</sup> Ela publicava em várias revistas britânicas, como se pode ver no *Wellesley Index of British Periodicals*, e traduziu Nietzsche, Lessing, Schopenhauer, Goldoni.<sup>56</sup> Instalou-se em Florença em 1887 e foi quem inventou a “fórmula” desse periódico, encarregando-se principalmente de reunir ao seu redor bons autores que conhecessem bem a cultura italiana e que fossem, ao mesmo tempo, jornalistas profissionais.

“Vera Ysaritsyn” era o pseudônimo de Lady Colin Campbell, escritora e jornalista que publicava também na *Saturday Review* e na *Pall Mall Gazette*. Theodor Stanton era um jornalista *free-lance* americano que tinha se estabelecido na Itália depois de ter sido correspondente do *New York Times* em Berlim e que colaborava ainda com outras publicações anglófonas da península, como o *Sicilian Times*.<sup>57</sup> “Nomad” era o pseudônimo de Adèle Crafton-Smith, que publicava amiúde na Inglaterra. Sua irmã, também jornalista, assinava como Mrs. Sala; ela era casada com o jornalista George Augustus Sala, nascido em Londres, de pai italiano exilado, e que foi durante muito tempo correspondente do *Daily Telegraph* em Roma. Mr. Caufield, que financiava a empreitada, era, além disso, correspondente do *Daily Mail* em Florença. Quanto à Helen Zimmern, ao mesmo tempo em que editava a *Florence Gazette*, colaborava com o *Corriere della Sera*. É possível observar, assim, como as redes estavam presentes; mas se os laços com os mundos político e cultural existiam, essas redes eram, sobretudo, de redes jornalísticas – um sinal claro de que o meio se profissionalizava rapidamente, tanto na Grã-Bretanha quanto na Itália.

#### CONCLUSÃO: UM ESPAÇO POLÍTICO-CULTURAL TRANSNACIONAL

Essa primeira abordagem de alguns periódicos anglófonos publicados na Itália mostra a importância e também a fluidez das redes – o que explica, às vezes, a vida curta de algumas das publicações analisadas. O estudo diacrônico

<sup>55</sup> DEMOOR, Marysa. *Their fair share: women, power and criticism in The Athenaeum, from Millicent Fawcett to Katherine Mansfield, 1870-1920*. Aldershot: Ashgate, 2000. p. 47.

<sup>56</sup> Ela publicava na *Blackwood's Magazine*, na *The Athenaeum*, na *Cornhill Magazine*, na *Fortnightly Review*, na *National Review* e no *The Spectator*.

<sup>57</sup> Ele era, além disso, filho da célebre feminista americana Elizabeth Cady Stanton.

permite, do mesmo modo, ilustrar a evolução desses promotores culturais, que se abriram a uma dinâmica de trocas e transferências entre seu país de origem e a Itália, algumas vezes a partir de perspectivas diferentes. Em meados do século, os representantes dessas redes faziam parte do que Maurizio Isabella chamou de “sociedade civil liberal transnacional”. Em comum, além do engajamento no movimento democrático pela unificação da Itália, eles compartilhavam de uma cidadania cultural com os italianos, à qual buscavam dar expressão em suas colaborações intelectuais, presentificadas nas revistas. Nesse sentido, eles contribuíram para corrigir a imagem da Itália difundida pelos relatos dos *grands tourists* do século anterior – a de um país com um passado glorioso e um presente lamentável.

A dimensão cultural se tornou preponderante nas últimas décadas do século, quando muitos “profissionais” da cultura se engajaram nesses projetos editoriais – e entre eles, curiosamente, diversas mulheres, que encontravam ali um espaço para exercer seus talentos. Quer buscassem estabelecer um diálogo intelectual entre o mundo anglófono e a Itália, quer procurassem um espaço para suas produções literárias, inspiradas por uma temporada prolongada na região, quer, ainda, almejassem colocar-se a serviço de seus compatriotas, tanto os interessados na Itália quanto os membros das crescentes ondas de turistas – todas essas empreitadas editoriais contribuíram para a construção de um espaço político-cultural transnacional que ainda precisa ser pesquisado.